



RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E A TRANSIÇÃO DO ENSINO REMOTO PARA O ENSINO PRESENCIAL

Antonia Patricia Carneiro do Nascimento¹,
antonia.patricia@aluno.uece.br; Roberislândia Sousa
de Lima², roberis.lima@aluno.uece.br; Ana Paula de
Sousa³, anapaula.carlota.sousa47@gmail.com;

Maria Zenilda Costa⁴, maria.zenilda@uece.br.

RESUMO

O presente estudo é um relato de experiência do Programa Residência Pedagógica, desenvolvido em uma turma do Infantil V de modo presencial em uma escola do município de Itapipoca. Buscamos compreender os principais desafios da transição entre o ensino remoto e o presencial. Realizamos observação participante com registro em diário de campo na perspectiva da pesquisa-ação colaborativa (MINAYO, 2009; PIMENTA, 2005). Consideramos que as ações desenvolvidas nos possibilitaram um aprendizado bastante satisfatório, nos permitindo vivenciar a sala de aula propriamente dita, experiência que ainda não havia sido possível no Programa Residência Pedagógica.

Palavras-chave: Residência Pedagógica; Ensino Remoto; Ensino Presencial.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho constitui um relato de experiência do Programa Residência Pedagógica – Pedagogia, desenvolvido pela Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI), Universidade Estadual do Ceará (CAPES/UECE). O Programa vem sendo realizado desde de outubro de 2020, em parceria com três escolas públicas do município de Itapipoca.

Todas as etapas do Programa ocorreram de forma remota, devido a pandemia do Covid-19 e a nova forma de ensino remoto das escolas. Deste modo, o planejamento e as regências, ocorriam remotamente via grupos de WhatsApp. No entanto, com a volta do ensino presencial, fomos inseridas nesse novo desafio de realizarmos as atividades em sala de aula.

Partimos do seguinte questionamento: quais os principais desafios encontrados na transição do ensino remoto para o presencial para o Programa Residência Pedagógica? O presente estudo vem apresentar essas novas experiências, vivenciadas no Módulo III, etapa conclusiva Programa. Trazendo assim, como objetivo principal: compreender quais os principais desafios encontrados na transição do ensino remoto para o presencial para o Programa Residência Pedagógica. Ressaltaremos de que formas esses desafios foram enfrentados.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No decorrer do Programa Residência Pedagógica, nos três módulos, uma etapa fundamental, principalmente no presencial, foi a observação, pois foi nesse olhar para a sala de aula na escola. Mesmo que a observação tenha acontecido com horário reduzido, pudemos entender um pouco da rotina.

Segundo Weffort (1996) “observar uma situação pedagógica não é vigiá-la, mas sim, fazer vigília por ela, isto é, estar e permanecer acordado por ela, na cumplicidade da construção do projeto, na cumplicidade pedagógica”. Ou seja, realizar esse processo requer planejamento e uma troca constante entre os sujeitos envolvidos.

Além disso, ao longo de todo o planejamento da regência, destacamos que na elaboração do plano de atividades, passamos por um processo de estudos, que possibilitou a articulação entre literatura infantil e contação de histórias, com o uso dos portadores de textos. Entendendo assim, que isso só foi possível, porque realizamos pesquisas, o que é importante em qualquer projeto.

Segundo Minayo (2009), é a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação [...]. Toda investigação se inicia por uma questão, por um problema, por uma pergunta, por uma dúvida. ” (MINAYO, 2009, p.16).

Desse modo, este trabalho se desenvolveu na perspectiva de uma pesquisa, mais precisamente uma pesquisa-ação em colaboração, pois, realiza na prática aquilo que desenvolvemos na prática reflexiva das leituras dos estudos de referência em contínuo debate e negociação com professores e gestores. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi referência essencial nessa construção das atividades. No que se refere especificamente a educação infantil, escolhemos os direitos de aprendizagens das crianças, que são “explorar, participar, comunicar, brincar e conviver” (BRASIL, 2018, p. 38).

“Traços, sons, cores e formas” e “Escuta, fala, pensamento e imaginação” foram os campos de experiência nos quais ancoramos as atividades realizadas (BRASIL, p. 41-42). Cada residente está em uma sala específica e tem seu planejamento diferente. Por isso apresentamos a escolha das duas residentes.

Portanto, dentro desses campos, delimitamos os seguintes objetivos de aprendizagem, sendo respectivamente apresentados de acordo com a delimitação e ordem acima. “Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais (EI03TS02)”; “Levantar hipóteses sobre gêneros textuais veiculados em portadores conhecidos, recorrendo a estratégias de observação gráfica e/ou de leitura (EI03EF07)”. A partir desses objetivos de aprendizagens, elaboramos as regências que ainda está sendo realizada.

3. METODOLOGIA

A presente metodologia é uma abordagem qualitativa, na perspectiva de pesquisa-ação colaborativa (PIMENTA, 2005), com registro das observações nos diários de campo. Diferentemente do que havíamos desenvolvido nos 1º e 2º módulos, agora no 3º, preparamo-nos para o ensino presencial, no qual tivemos que observar as turmas com atividade simultânea de planejamento e em seguida ministrarmos nossas aulas. O tempo de aula foi reduzido, por conta da situação ainda de pandemia. A aula iniciava um pouco mais tarde e terminava mais cedo do que o antigo normal. Além disso, nos deparamos que uma quantidade mínima de alunos em sala.

4. RESULTADOS

Consideramos que a experiência de estarmos frente a frente com as crianças, que antes só víamos por fotos ou vídeos, já nos possibilita uma grande satisfação. Conhecermos a escola física, conversamos com as professoras das turmas e até mesmo testemunhar a entrada e saída dos alunos da sala, cada movimento, cada palavra ouvida, traz consigo um aprendizado

Encontramos alguns desafios como a quantidade reduzida de alunos presentes, o horário de aula reduzido, o uso obrigatório de máscaras pelas crianças, que muitas vezes não queriam seguir os protocolos, embora muito importante, não sabíamos qual o nível de desenvolvimento e engajamento das turmas, mas conseguimos levar aulas que trouxessem para as turmas uma aprendizagem não somente conceitual como atitudinal e comportamental.

5. CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos que as regências realizadas, foram importantes para nossa formação, uma vez que, vivenciamos os desafios de uma sala de aula de modo presencial, compreendemos a necessidade de um planejamento nas dimensões A e B, para responder aos desafios dessa transição.

Ressaltamos que, ainda temos muito o que aprender, para melhorarmos não somente as regências que ainda poderemos realizar, como também a nossa visão sobre o mundo educacional e a rotina escolar. Ansiamos pelas próximas experiências.

6. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Organizadora). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. (28ª edição). Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

PIMENTA, S. G. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 521-539, set/dez. 2005.

WEFFORT, Madalena Freire. Educando o olhar da observação. In WEFFORT, M. F. **Observação registro e reflexão. Instrumentos metodológicos 1**. São Paulo: Ed. Espaço Pedagógico, 1996 (p. 1-36)